

VISÃO DO CORREIO

A economia e a percepção de melhora

A recuperação da economia neste momento é inegável, com a atividade crescendo acima do esperado, os preços em deflação e o desemprego em queda. O Produto Interno Bruto (PIB) aumentou 1,2% no segundo trimestre e as projeções apontam para uma expansão entre 2,5% e 3%. Com a limitação dos impostos estaduais sobre os combustíveis e energia, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial, teve deflação de 0,68% em julho e de 0,36% em agosto, caminhando para registrar novo recuo de preços em setembro, como apontou na semana passada o IPCA-15 — prévia do indicador oficial — com queda de 0,37% nos preços. Já o desemprego caiu para 8,9% no trimestre encerrado em agosto, no menor percentual desde o trimestre encerrado em julho de 2015 e, depois de dois anos, o salário médio do trabalhador brasileiro avançou 3,1%.

Vendo assim, há motivos para comemorar e apontar que o Brasil vai muito bem. O que não necessariamente é garantia de sustentabilidade e, seguramente, ainda de forma a não ser percebida por uma grande parcela da população. O crescimento econômico alimenta as estatísticas e é a base para a melhoria da renda e do emprego, esses sim, indicadores percebidos pela população, sobretudo a menos favorecida. A retomada permite reduzir o índice de desemprego, mas é insuficiente para a percepção da sociedade, isso porque ainda existem 9,7 milhões de pessoas sem trabalho e outros quase 40 milhões na informalidade e sem direitos trabalhistas como férias, 13º e seguro-desemprego.

É para esse contingente que a melhora da economia passa despercebida. Até mesmo quando se trata da renda. O salário médio do trabalhador voltou a crescer depois de oscilações e estabilidade. No trimestre encerrado em agosto, ele foi de R\$ 2.713, com avanço de 3,1% em relação ao trimestre anterior. Mas praticamente igual ao do trimestre finalizado em agosto do ano passado e ainda longe dos R\$ 3 mil pagos nesse mês em 2015. Há outros indicadores que mostram

a fragilidade da recuperação do mercado de trabalho, como o fato de o contingente de empregados sem carteira assinada no setor privado ter chegado a 13,2 milhões de pessoas, o maior da série histórica, iniciada em 2012. Outros 4,37 milhões eram empregados domésticos, também sem carteira, enquanto os que trabalham por conta própria somam 25,9 milhões, entre eles motoristas de aplicativo, entregadores e ambulantes.

Esse contingente elevado de trabalhadores em condições precárias convive com o agravante de ter a renda deteriorada pela inflação, que, embora esteja em queda, ainda acumula alta de 8,7% em 12 meses e de 4,39% no ano, com um detalhe: a redução ocorrida nos últimos meses está fortemente concentrada nos preços dos combustíveis e do transporte. Excluindo esses itens, a deflação quase desaparece ou vira inflação. O grupo de alimentos, que em setembro teve a primeira queda, segundo o IPCA-15, acumula aumento de 12,73% em 12 meses e de 10,37% no ano. Trabalho informal, renda diminuída e alimentos caros são o que impedem parte da população brasileira de perceber melhora na qualidade de vida, objetivo maior da dinâmica econômica.

Os números mostram que muito embora a economia esteja melhorando, esse avanço não é suficiente nem sequer para garantir que no ano que vem tenhamos expansão maior da atividade econômica. O mercado projeta aumento de 0,53% do PIB no primeiro ano do próximo governo, seja ele qual for. Certo é que o próximo presidente terá que tomar medidas para garantir não apenas um auxílio de R\$ 600 para cerca de 22 milhões de famílias a um custo de R\$ 51,8 bilhões, mas condições de criação de emprego e renda para que o trabalho volte a gerar renda e alavancar o consumo. Além disso, terá de adotar medidas para evitar que os preços voltem a acelerar e para minimizar os impactos de uma recessão nos Estados Unidos, segundo mercado para as exportações brasileiras. As campanhas de segundo turno dos candidatos à Presidência da República focam em embates mais ideológicos do que programáticos, mas o desafio econômico do vencedor será grande.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Pesquisas

Os resultados da eleição apresentaram algumas surpresas diferentes das pesquisas eleitorais prévias, amplamente divulgadas, admitindo um erro estatístico de 2% a 3%. Na realidade, esse erro chegou a 15% no caso dos presidenciais e dos candidatos ao governo de São Paulo. Ao ser indagado, as empresas de pesquisas alegaram que os entrevistados falam mentiras, omitindo ou escamoteando as suas reais preferências. Se essas pesquisas não são capazes de corrigir esses desvios, deveriam admitir que seus erros, na realidade, situam-se na faixa de 10 a 15%, e não de apenas 2% a 3%, a bem da verdade.

» **Itiro lida,**
Asa Norte

Saúde pública

O governador Ibaneis, reeleito para um segundo mandato, dará prioridade à saúde. Há de se supor que ele admite que a gestão anterior foi, de fato, uma tragédia. Não faltaram denúncias de corrupção e até uma "operação abafa" para evitar que a Câmara Legislativa avançasse nas apurações por meio de uma CPI da Covid-19. Mas vamos, pelo menos agora, ignorar o passado. Os eleitores deram mais uma oportunidade para o governador reescrever a história da saúde pública na capital da República. Tomara que a promessa não fique pendurada como bandeira de campanha.

» **Alzira Lopes,**
Águas Claras

Imprevisível

O mundo nunca adormece igual ao que era quando acordou, mas o ritmo de suas metamorfoses, às vezes sonolento, às vezes vertiginoso, varia segundo o espírito do tempo. É indiscutível que, na época que nos tocou viver, as transformações mundiais são vertiginosas. O que nunca se sabe, quando se vive no olho do furacão das mudanças, é o destino final. Em 1950, a pensadora Hannah Arendt, no prefácio de seu livro monumental *Origens do Totalitarismo*, começa a descrever as incertezas de seu tempo com uma frase demolidora: "Nunca antes nosso futuro foi mais imprevisível". E prossegue com um raciocínio em nada estranho aos dias de hoje: "Nunca dependemos tanto das forças políticas que podem a qualquer instante fugir às regras do bom-senso e do interesse próprio... forças que pareceriam insanas se fossem medidas pelos padrões dos séculos anteriores". Para o bem ou para o mal, ainda que todos esperemos que seja para o bem, o Brasil e o mundo, neste inusitado século 21, atravessam uma era perfeitamente imprevisível, pois a ordem estabelecida, os valores, as práticas, os consensos, parecem se dissolver num amálgama desconhecido. O sintoma mais evidente desse fenômeno está na enorme polarização nas democracias liberais. Polarização na política, na economia, na vida social, nos códigos morais, na cultura. É assustador, mas também estimulante, conviver com transformações viscerais. Espera-se que o Brasil, em que pese a fenda abissal que certas mitologias de esquerda e de direita abriram na sociedade nos últimos anos, aproveite a energia liberada deste tempo convulsionado para encarar suas mazelas históricas e, ao fim desse processo, acima das polarizações, e das diferenças, quem sabe nasça um país

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Urnas confirmam que os brasileiros desejam uma economia liberal. Bancada eleita é garantia que não haverá recaídas à esquerda.

José Matias-Pereira

Lago Sul

Para tentar enganar o povo mineiro, Bolsonaro bolou um "estrataZema".

Vital Ramos de V. Júnior

Jardim Botânico

Damares Alves quer presidir o Senado. Terá que se mostrar melhor do que a ex-ministra Tereza Cristina, uma das cotadas para o cargo

Juarez Almeida

Jardim Botânico



RODRIGO CRAVEIRO

rodrigo.craveiro@cbnet.com.br

Putin contra as cordas

A mobilização parcial de 300 mil reservistas russos e a anexação das autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Luhansk e os territórios de Kherson e Zaporizhzhia sugeriam uma guinada na invasão de Vladimir Putin à Ucrânia. O tiro parece ter saído pela culatra. Resistentes a morrerem em uma guerra que consideram sem sentido, milhares de cidadãos fugiram da Rússia. No último sábado, dia seguinte ao discurso triunfante de Putin, as forças ucranianas cercaram pelo menos 5 mil soldados do Kremlin na cidade de Lyman, no Donetsk, e os expulsaram dali. Talvez tenha sido um prenúncio de tempos difíceis para o ex-espião da KGB.

Acuado cada vez mais pelo Ocidente, que reforçou as sanções econômicas contra Moscou e acelerou o envio de ajuda militar a Kiev, Putin começa a atolar em seu próprio atoleiro. Especialistas acreditam que a agressão à Ucrânia foi um erro de cálculo que coloca em xeque a reputação do chefe do Kremlin e deteriora a imagem da Rússia no cenário internacional. Cada vez mais isolada, depois que a China, principal aliada, condenou as anexações das quatro regiões ucranianas, Moscou parece ter minguado o escopo de alternativas para reverter as derrotas no front.

Ao ameaçar o uso de armas nucleares táticas na Ucrânia — um recurso extremo, condenável e contraproducente, segundo especialistas —, Putin tensiona ainda mais as relações com o Ocidente. Nos últimos 77 anos,

o arsenal atômico foi utilizado somente duas vezes e com consequências funestas: centenas de milhares de mortos, em Hiroshima e em Nagasaki.

A explosão de um artefato nuclear, ainda que com poderio destrutivo limitado, liberaria uma nuvem radioativa sobre a Ucrânia e teria um efeito psicológico devastador. Além disso, provavelmente lançaria a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) à guerra na Ucrânia, o que poderia desatar um conflito mundial. No cenário doméstico, Putin sofreria pressão interna da ala política mais moderada e precisaria lidar com manifestações pacifistas gigantescas em toda a Rússia. Cada vez mais contra as cordas, o presidente russo enfrenta um dilema, uma escolha de Sofia cujos efeitos talvez sejam desastrosos para si mesmo. Se intensificar o conflito com a Ucrânia e sofrer mais reverses, ficará desmoralizado e de mãos atadas. Se abandonar a ex-república soviética vizinha, atestarà o fracasso em sua aventura malcalculada. Se utilizar armas nucleares, selará o fim do próprio governo.

As últimas revoluções na Ucrânia deram uma amostra do grau de patriotismo e de amor do povo por sua nação. Talvez Putin tenha ignorado isso. A 19 dias de completar oito meses, a invasão à Ucrânia se apresenta — além de uma agressão ao direito internacional e à soberania de uma nação democrática — como um erro de proporções colossais.

CORREIO BRAZILIENSE

*"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara"*
Camões, e.VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211 - Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uaigiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaigiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo — Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/ MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/ RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hrmmultimidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Éxito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiários e fotografias são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM
DF/GO **R\$ 3,00** **R\$ 5,00**

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 837,27

360 EDIÇÕES
(promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em cheque terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG/Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1532 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA
DIALOG
Agenciamento de Publicidade